

POESIA VIRTUAL DE AUGUSTO DE CAMPOS

Prof^a. Ms. Gilda Sabas de Souza

RESUMO:

Este trabalho trata da Poesia Virtual de Augusto de Campos. Tem por objetivos refletir sobre a relação da poesia com a tecnologia levando-se em conta apontamentos feitos pelos integrantes do grupo “Noigandres” - Haroldo de Campos, Décio Pignatari e o próprio poeta Augusto de Campos, - sobre as Propostas para a Poesia Concreta, poesia essa, que sempre buscou a possibilidade de transcender o papel. Pretende ainda, analisar o processo criativo/experimental de Augusto de Campos ao fazer a “transcrição” da forma, ou seja, a tradução de seus poemas impressos para a linguagem do computador.

PALAVRAS-CHAVE: poesia, virtual, concreta, Augusto de Campos.

Introdução

[...] imaginar que poesia e técnica pudessem dar-se a mão, pareceria aos amantes da poesia uma idéia inconcebível. [...] mas, chegou à hora em que passei a ver que a poesia, como Deus, pode estar em toda parte [...] (apud ARAÚJO, 1999, p.11-12).

A proposta de unir poesia e técnica, como sugere José Mindlin, nos remete ao poeta Augusto de Campos, e, falar sobre Augusto de Campos, requer necessariamente falar sobre Poesia Concreta (Movimento Concretista da década de 50) e Poesia Computadorizada, que segundo o próprio Augusto de Campos, essa é a forma de poesia que o incita e o desafia na era contemporânea.

Em seu poema **poesia** (1988), do livro Despoesia, (1994, p. 100-101), Augusto escreve: “NÃOÉPHILA / TELIANÃOÉ / PHILANTRO / PIANÃOÉPH / ILOSOPHIA / NÃOÉEGOPH / ILIAÉSOME / NTEPOESIA”.

Nesse poema Augusto de Campos afirma, reafirma e confirma a necessidade de que, tanto a Poesia Concreta, quanto a Poesia Computadorizada, requer criatividade e inovação no seu processo criativo. Augusto de Campos não só defende essa idéia, mas demonstra essa criatividade e inovação em seus poemas, sejam eles, concretos ou virtuais.

Acreditamos que a interligação dos aspectos estudados proporcionará não só uma reflexão sobre a relação entre a Poesia Concreta e a Poesia Computadorizada, e o processo de criação da poesia virtual de Augusto de Campos, mas, também, sobre a inventividade dessa poesia, que cria uma nova forma de linguagem poética na contemporaneidade.

1-Poesia Concreta e Poesia Computadorizada

O poeta Augusto de Campos juntamente com os poetas Haroldo de Campos e Décio Pignatari criou a Poesia Concreta na década de 50; e hoje, ele cria poemas que

são veiculados no universo digital, inventando, mais uma vez, uma nova forma de linguagem poética.

Em suas propostas para a Poesia Concreta, esses poetas tinham por objetivos modificar a estrutura do poema, substituir a organização em versos da sintaxe lógico-discursiva por uma sintaxe espacial e visual, e promover a conexão entre as palavras de maneira analógica e não lógico-discursiva.

Fundadores da Poesia Concreta, eles defenderam e definiram novas idéias para uma nova forma de poesia. O nosso passado literário foi revisitado, em virtude de ser essa poesia produto de uma revolução crítica das formas e de apresentar o conceito progressivo, cuja ocorrência é devido à sua idéia central de inovação.

A inovação na Poesia Concreta se dá em seu aspecto formal: o acúmulo em seus significantes do maior número possível de significados, tanto nos aspectos verbais quanto visuais na construção do poema, a materialidade do signo é destacada e induzida a participar do jogo proposto pelo poema, e o conteúdo e a forma que, a partir das relações que ocorrem entre si, concretizam as suas possibilidades de significação.

Segundo Gilda Sabas (2006, p.22):

A poesia concreta é idéia, som e imagem em simultaneidade, ou ainda, a materialidade da poesia concreta, apontada no Plano Piloto, é reconhecida pela materialidade verbal, visual e vocal da palavra e da linguagem. A palavra passa a ser manipulada nas três dimensões simultaneamente.

A linguagem visual na poesia é configurada por meio do trabalho do poeta ao explorar as suas potencialidades gráficas. O núcleo poético dessa poesia é evidenciado por um sistema de relações e equilíbrio entre quaisquer parte do poema. Melo e Castro, (1993, p. 49), a respeito desse sistema de relações e equilíbrio declara:

[...] os elementos simples que estão projetados na página ou no espaço do poema concreto não ocupam obrigatoriamente lugares fixos. Podem mudar e trocar de posição. A proposta do poema concreto é na sua essência, dinâmica, sendo o espaço do poema sempre uma entidade em devir, um projeto a realizar [...].

É que na poesia concreta, a condensação de significados não explícitos cria várias possibilidades de leitura, e o leitor só conseguirá lê-la se dialogar com a obra, se participar da sua construção.

Diante dos apontamentos feitos sobre as propostas para a Poesia Concreta, uma questão se faz relevante: “Qual é então, a relação procedimental entre a Poesia Concreta e a Poesia Computadorizada?” Para responder a pergunta em questão trazemos à baila a opinião dos próprios fundadores da Poesia Concreta.

Em entrevista publicada no livro Poesia Visual – Vídeo Poesia, de Ricardo Araújo (1999, p. 50), concedida a Clemie Bland, sobre Vídeo Poesia feita no SLI – Laboratório de Sistemas Integráveis (Escola Politécnica da USP), em outubro de 1993, Augusto de Campos esclarece a relação da poesia com a tecnologia. Transcrevemos trechos dessa entrevista e de outras concedidas por integrantes do grupo, devido à importância do assunto.

C.B.: Gostaríamos que vocês falassem sobre a união da poesia com a tecnologia.

A.C.: A idéia de conjugar palavra, som e imagem esteve presente nas propostas da Poesia Concreta desde o início. Nós usávamos a expressão *verbivocovisual*, que é uma palavra extraída do vocabulário de James Joyce, para sintetizar essa conjugação. Embora, em geral, se acredite que a Poesia Concreta só possua este aspecto visual privilegiado, ela, desde o início, pensava em utilizar o som ao lado da imagem. Tanto que meus primeiros poemas desta fase da Poesia Concreta, da *série Poetamenos*, foram apresentados no Teatro de Arena, em 55, por um grupo musical que interpretava várias vozes, correspondendo às várias cores do poema. [...].

Ricardo Araújo entrevista Haroldo de Campos (1999, p.79-80):

R.A.: Então a Poesia Concreta visualizava outras formas de linguagens?

H.C.: Sim. Sempre foi grande o nosso interesse por aspectos da teoria da informação, da cibernética e da semiótica, conforme está revelado no plano piloto de 58 da Poesia Concreta – uma espécie de síntese de nossos pontos de vista.

Ricardo Araújo entrevista também Décio Pignatari (1999, p.96-97-98):

R.A.: Poesia computadorizada, esse é um caminho válido para a poesia?

D.P.: Esse é um dos caminhos. Sem dúvida nenhuma. Este é um caminho, que veio para ficar. [...] o Arnaldo Antunes e o Augusto de Campos estão abrindo esse campo para um público mais amplo, [...].

Tomando por base os esclarecimentos sobre as propostas para a Poesia Concreta e a sua relação procedimental com a Poesia Computadorizada, apresentamos os poemas **o som** (mandelstam) (1992), do livro *Despoesia* (1994, p. 62-63) e **desgrafite** (1992), também de *Despoesia* (p.122-123), que mostram de forma concreta as considerações feitas sobre as semelhanças no modo de proceder dos elementos que compõem ambas as formas de poesias.

No poema **o som** lemos:

“o / som / seco / e / surdo / desta / fruta / cain / do / no / mur / mór / io / sem / fim / do / oco / silêncio / da / flor / esta”.

O poema apresenta uma escritura que se dá na verticalidade, o que evidencia o movimento da fruta caindo. Notamos que a queda é lenta, devido ao corte feito nas palavras, inclusive na própria palavra “cain-do”, o que nos mostra como a queda é construída e o murmúrio do oco do silêncio é provocado pela queda da fruta. Essa também é lenta e vai se fazendo ouvir devido à sonoridade construída pela fragmentação de algumas palavras e pelas letras o, m, a, n, e, r, que finalizam cada linha do poema. As palavras vão sendo compostas no ato da leitura, sugerindo o som seco e surdo de uma fruta que cai.

Outra questão relevante é que as letras escritas na cor branca sobre o papel preto sugerem o oco do silêncio da flor / floresta, esclarecendo melhor, cada letra branca representa o vazio deixado pela fruta que, em outro tempo, já foi ocupado pela flor (parte da palavra), que também se encontra na palavra floresta.

Não é possível dizer então que, no seu poema aqui demonstrado, ouvimos o som do murmúrio do oco – silêncio-, visualizamos a fruta caindo e o próprio oco deixado pela ausência da flor? Da floresta devastada?

O poema concreto é a presentificação do objeto e requer um leitor ousado que o revire do avesso. Não só do avesso, mas de cima para baixo e vice-versa, da direita para a esquerda e, não satisfeito, tome-o da esquerda para a direita, e ainda em círculo e, assim, de esguelha. Tudo isso porque, como afirma Augusto de Campos (1987, p.50): “o poeta concreto não volta a face às palavras, não lhe lança olhares oblíquos: vai direto ao seu centro, para viver e vivificar a sua facticidade”.

Poesia concreta. Poema concreto. Poesia que apresenta um movimento que tende à simultaneidade, à multiplicidade de movimentos concomitantes. Poema que quer comunicar a sua própria estrutura: estrutura conteúdo.

Retomo um pensamento de Haroldo de Campos (1987, p. 52): “POESIA CONCRETA assedia O OBJETO mentado em suas plurifacetadas: previstas e imprevistas: veladas e reveladas: num jogo de espelhos [...]”. Essa é uma poesia que, ao comunicar a sua estrutura, presentifica o objeto em suas várias formas, revelando o que estava oculto de maneira concreta, espelhando-se em cores, sons e sentidos. No poema **desgrafite** essas idéias são exemplificadas.

O poema é composto por quatro palavras sobrepostas, escritas em cores diferentes. As montagens feitas com as palavras possibilitam a simultaneidade de sentidos... Pode-se dizer:

VIVER, SOFRER, SORRIR, MORRER, ou seria, SORRIR, VIVER, MORRER, SOFRER... ou, MORRER, SOFRER, SORRIR, VIVER... ou ainda, SORRIR, SOFRER, MORRER, VIVER, ou...

O poema pulsa de dentro para fora e vice-versa. Isso ocorre devido às imagens criadas pelas cores e pela forma em que as palavras foram escritas, ou seja, umas sobre as outras. Lemos a palavra MORRER escrita na cor azul claro, VIVER, na cor vermelha, SORRIR, na cor rosa e SOFRER, na cor azul escuro. Poesia visual. As palavras obedecem à idéia, à imagem e a sonoridade do que seja viver, morrer, sofrer e sorrir, numa só pulsação.

A ação de viver, sofrer, morrer e sorrir ocorre de forma concreta e a vida vivida independe de qual ação se manifeste em primeiro lugar, pois o ato de viver pressupõe vivenciar as quatro ações de forma simultânea. Ao viver se morre, ao sofrer se vive, ao viver se sorri, ao sofrer se morre...

A concretude da vida se faz a partir dessas quatro ações, que agem de forma integrada. Ao ler o poema, o leitor é sugado para dentro do centro de cada palavra e ao ser devolvido à exterioridade de si mesmo, percebe que já não é mais o mesmo, tornou-se um sujeito fragmentado, plural, pois o poeta, de forma concreta, poetizou o ato de viver, morrer, sorrir, sofrer, simultaneamente.

E é assim, de forma concreta, que Augusto de Campos, usufruindo das propostas da Poesia Concreta atravessou o espaço bidimensional da página e migrou para o universo digital.

2- Agorapós-tudo: a poesia em cor e movimento de Augusto de Campos

A obra de Augusto de Campos é uma relação tensa entre a palavra e a imagem, que se configura no espaço-tempo em que a poesia, através de uma diversidade de suportes (livros, computador, internet, holografia, e o que mais se inventar) incorpora novos dados ao jogo de signos.

José Carlos Prioste

Augusto de Campos é um poeta multimídia, que sem temer os desafios oferecidos pelas novas tecnologias cria poemas utilizando o computador em forma de videoclipe

para serem veiculados pela internet, (site do autor: www.uol.augustodecampos.com.br), chamados de poemas virtuais, cinéticos, “clip-poemas”.

Ao criar sua poesia virtual – seus clip-poemas, Augusto faz a transcrição de forma, ou seja, traduz seus poemas impressos para a linguagem do computador. Segundo Cristina Monteiro de Castro Pereira (20003, p. 15-88), clip-poema é:

uma expressão pós-moderna da poesia, uma poesia virtual produzida e consumida através do computador. Fragmentado em sua própria estrutura, é verbal, vocal, visual e cinético. Uma poesia não apenas divulgada pela internet, mas adaptada ao meio audiovisual das tecnologias. [...]. A poesia passa por uma tradução intersemiótica que leva em consideração as possibilidades de expressão do poema em outros campos e meios de veiculação. [...]. A passagem do poema verbal para a linguagem visual acarreta um ato de criação.

A poesia virtual produzida por meio do computador apresenta características inovadoras, a sua estrutura é fragmentada, composta pelos elementos verbal, vocal, visual e cinético que agem no poema de forma simultânea, o que provoca o ato criador do poeta no momento da passagem do poema impresso para a linguagem visual via tecnologia computadorizada, pois, Pignatari (apud CAMPOS, 1994, p.103), define que: “[...] o poeta é um *designer* da linguagem”.

Augusto de Campos é um poeta que, em outro suporte, - computador -, com inventividade, transcreve seus poemas impressos em clip-poemas, em parceria com seu filho, Cid Campos, envolvendo de forma simultânea palavras, imagens e sons.

Em entrevista concedida a Irineu Franco Perpetuo para o jornal Folha de S. Paulo, em 23/02/2005, Augusto de Campos afirmou: “Meus projetos poéticos estão predominantemente ligados às animações computadorizadas, os ‘clip-poemas’, como chamo os que configuram no CD-Rom anexo ao “NÃO”. E ainda, em NÃOfácio, prefácio do livro NÃO (2003, p. 11), Augusto escreve:

[...] os computadores desarrumaram meus livros [...]. Grande parte do que eu tenho feito em poesia migrou para o universo digital animado – a poesia em cor e movimento, que sempre me fascinou e que agora está ao alcance dos meus dedos. É esse o território que mais me incita e desafia agorapós-tudo.

A pesquisa utilizando o computador, que possibilitou a criação de clip-poemas, vídeo-poesia e a produção de imagens em vídeo e outros meios tecnológicos, favorece a própria capacidade de criação e fruição do poeta.

O poema visual ocorre a partir da interação entre as duas formas de linguagens. Em primeiro lugar, temos a exposição do poema bidimensional, ou seja, o poema impresso, em segundo o poema tridimensional, que é conseguido com a versão computadorizada.

O poema tridimensional, ou seja, feito pelo e para o computador apresenta-se de forma fragmentada e é explorado e representado de várias formas. O seu significado também é variado – algumas vezes é texto, noutras, som, imagem e movimento, embora tudo isso ocorra de forma simultânea.

Recorro mais uma vez à entrevista de Augusto de Campos concedida a Clemie Blaud (ARAÚJO, 1999, p.52), na tentativa de esclarecer a passagem do poema bidimensional para o poema tridimensional:

C.B.: A Poesia Concreta sempre buscou essa possibilidade de transcender o papel. Como você vê esta possibilidade com a nova tecnologia?

A.C.: Eu vejo de uma maneira muito afirmativa. Como eu digo, eu não gostaria de fetichizar estas novas mídias. Eu acho que não é pelo fato de você dominar estas técnicas, estas tecnologias, não é só por isso que você vai construir um grande poema, um grande objeto artístico. Você terá que colocar muito de suas idéias e de sua capacidade criativa. Mas eu acho que estas mídias são muito estimulantes e inspiradoras e proporcionam uma multiplicidade de meios, que podem realmente conduzir a horizontes inesperados. [...].

Júlio Plaza, em entrevista também concedida a Clemie Blaud (ARAÚJO, 1999, P. 117), trata do assunto em questão:

C.B.: Fale sobre os caminhos da poesia com a chegada da tecnologia.

J.P.: [...] A idéia é esta: cruzar a arte e a poesia com os meios tecnológicos, essa confluência entre arte e poesia permite um vetor de inovação. [...].

É importante ressaltar que ter o domínio das tecnologias não é o bastante para se construir um grande poema. O poeta deve ter muitas idéias criativas, porque essa poesia criada por meio das novas tecnologias exige inovação de movimento, cor e som. O próprio Augusto de Campos, (apud AGRA, 2004, p. 196-197), assinala:

A possibilidade de dar movimento e som à composição poética, em termos de animação digital, vem repontencializar as propostas da vanguarda dos anos 50. VERBIVOCOVISUAL era, desde o início, o projeto da poesia concreta, que agora explode para não sei onde, bomba de efeito retardado, no horizonte das novas tecnologias.

Como enfatiza Augusto, a animação digital já fazia parte das propostas para o projeto da Poesia Concreta, o que ele aproveita e põe em prática na sua poesia atual, inventando e colocando suas idéias e a sua capacidade criativa a favor dessa poesia computadorizada.

O poeta escreve os poemas e depois faz a animação digital e/ou faz animações que são sugeridas pelo próprio veículo e pelos múltiplos recursos de programas, como aponta Augusto de Campos, o Macromedia Director e o Marph.

A respeito da animação digital, Ricardo Araújo (1999, p. 24), tem a seguinte opinião:

[...] a animação, com todos os detalhes de cor, textura, luzes e efeitos especiais, é a etapa final do poema. Nela foram feitos os ajustes finais da passagem de poemas pensados graficamente na bidimensionalidade do papel, para a tridimensionalidade do computador. [...].

Nos poemas virtuais de Augusto de Campos a animação digital é feita com tal criatividade que ao fazermos a leitura dos poemas nos deparamos com uma nova forma de linguagem poética que nos encanta e nos oferece a possibilidade de ver a invenção da poesia na contemporaneidade, também de forma criativa, experimental e inovadora.

Os poemas **sem saída**, do livro NÃO (2003, capa), composto em 2000 cuja animação digital foi feita por Augusto de Campos em 2003, e **sos**, composto em 1983, do livro Despoesia (1994, p.26-27), traduzido em animação digital em 2000, são cli-poemas que segundo Augusto de Campos (em nota inserida no CD-Rom anexo ao livro Não de 2003): “[...] são o produto de dois anos de experiências entre muitos facteios, curiosidades e descobertas”. E ele, ainda dá a seguinte explicação:

Para orientação do usuário, decidi dividir as animações em três grupos, distinguindo as interativas, que denominei INTERPOEMAS, das demais, ANIMOGRAMAS, e dos MORFOGAMAS, categoria específica. [...].

Os poemas citados anteriormente exemplificam a idéia dessa poesia computadorizada que propõe ao leitor leituras da animação de forma experimental e inventiva. Tanto na versão impressa quanto na versão computadorizada, o poema **sem saída** tem sete cores. Sete cores que sugerem sete vozes ecoando.

O poema na versão impressa é composto por sete frases coloridas, sendo cada uma delas de uma cor diferente que se sobrepõem sobre um fundo preto. As frases são escritas em linhas curvas e as montagens são feitas obedecendo a essa forma de escrituração, ou seja, num sentido curvo, sinuoso, de maneira que o leitor não consegue fazer uma leitura linear, até mesmo porque não se sabe por onde começar a lê-lo, ou por onde parar de lê-lo, visto que todas as frases avisam que não há saída. Podemos ler o poema da seguinte forma:

“Não posso voltar atrás / Nunca saí do lugar / Não posso mais ir adiante / Levei toda a minha vida / Curvas encantam o olhar / A estrada é muito comprida / O caminho é sem saída”.

Sugerimos ainda começar a leitura a partir do final do poema (da leitura feita) para o começo, ou a partir da segunda frase, ou...

Na versão computadorizada o poema **sem saída** se apresenta de uma outra forma. As vozes são concretizadas, as cores gritam, manifestam-se efetivamente, pois a animação digital é feita de forma que não há realmente saída. Se entrar no poema é um desafio, sair, então, é inconcebível. A animação começa assim:

Pululam na tela do computador letras/palavras – azuis, verdes, vermelhas, lilás, amarelas, marrons, enfim, cores que enchem os olhos e que não nos permitem ler/decifrar o que está escrito na tela, pois rapidamente se apagam, restando apenas uma letra verde e a mãozinha que guia o *mouse* brilhando na tela. Ao arrastar o *mouse*, palavras vão se formando e se apagando em constante movimento. Em sequência, podemos ler:

“A estrada é muito comprida / O caminho é sem saída / Curvas enganam o olhar / Não posso ir mais adiante / Não posso voltar atrás / Levei toda a minha vida / Nunca saí do lugar”.

Acaba-se de ler o poema, porém, ao procurar a saída, ouvem-se vozes, elas dizem... dizem... Não é possível ter clareza sobre o que elas dizem, a não ser a palavra caminho. É que, por certo, as vozes também procuram um caminho, uma saída. Resta finalizar a animação, mas, ao clicar sobre as letras, deparamo-nos com mais uma surpresa, pois aparece um verso sobre os outros, provocando uma leitura não mais de forma linear, já que esse verso surgirá sobre qualquer verso que for clicado, criando uma confusão em meio às cores, às vozes que ecoam e o movimento das frases coloridas. É possível ouvir nitidamente uma voz fazendo a leitura do verso clicado, e isso se repetirá quantas vezes o leitor clicar sobre os versos. Nesse momento é possível perceber realmente que se está em um labirinto e que não há saída. **Curvas enganam o**

olhar. Curvas que Augusto de Campos criativamente estende sobre o caminho da poesia.

O poema **sos** na versão impressa é escrito com letras brancas sobre o papel preto. Suas frases são escritas de forma circular. Perguntamos: Será que o poema foi escrito de dentro para fora, ou de fora para dentro? Como começar a leitura?... Palavras soltas sobre um quadrado que, embora tenha a sua forma fechada, representa pela composição do poema, um universo, onde “eus e nós” giram entorno de si mesmos, auscultando a falta do outro necessário em si, suplicando pela presença, antes de tudo, de si mesmo. Embora, tudo pareça acontecer de forma silenciosa, o grito explode de dentro para fora e vice-versa na página enquadrada e nos sujeitos “eus e nós” que penetramos desavisados na própria existência de si mesmos, que permeia todo o poema. A repetição da letra “s” e da palavra “sem” – denuncia o vazio que invade tantos “eus e nós” fragmentados nesse universo poético criado por Augusto de Campos.

Na versão computadorizada o poema **sos**, segundo Augusto de Campos (nota feita no CR-Rom) é uma “Viagem centrípeta ao buraco negro do desconhecido. Da ego-trip à sos-trip do enigma da pós-vida”.

O poema é composto pela negrura da tela e pelas letras (inicialmente as vogais) que surgem na tela na cor amarela, salpicando o espaço, criando uma imagem que também nos remete ao universo, (ou ao buraco negro como sugere Augusto de Campos), porém, um universo em constante movimento.

Augusto de Campos faz a leitura do poema enquanto este vai sendo escrito na tela, e podemos acompanhar e usufruir tanto das imagens que vão compondo o poema diante dos nossos olhos, como da sonoridade que invade os nossos ouvidos, de forma harmoniosa e criativa. No momento final da leitura do poema, a própria palavra **sos**, título do poema, explode, abre-se tomando toda a tela do computador e em seguida, fecha-se engolindo o universo criado pelo e para o poema, tragando todos os “eus e nós” no silencioso pedido de **sos** diante do enigma da vida.

Outras animações digitais de Augusto de Campos, que exemplificam suas criações que encantam e causam espanto, no melhor dos sentidos, são os clip-poemas: **o mesmo som**, que segundo a denominação do próprio Augusto é um ANEMOGRAMA, **caoscage**, que é um INTERPOEMA e **poesia é risco**, um MORFOGRAMA.

Mais um exemplo do seu processo criativo e inovador é o poema **TUDO ESTÁ DITO**, impresso no livro VIVA VAIA (2001, p.248-249), e que ele gravou no CD “POESIA É RISCO” (1995), e no CD anexo ao livro VIVA VAIA (2001), (faixa 15).

Nesse poema, Augusto de Campos enfatiza a infinitude de possibilidades e experimentações possíveis para a criação poética, ou seja, reforça a importância dessa poesia que ele cria e recria, inventa e reinventa, a partir do seu processo experimental, **imprevisto – visto – infinito** - revelando uma forma inovadora de fazer poesia e criando uma nova linguagem poética na contemporaneidade ao utilizar os recursos oferecidos pelas novas tecnologias.

Conclusão

Este trabalho deteve-se no estudo das Propostas para a Poesia Concreta e a sua relação com a Poesia Computadorizada, e ainda, sobre o processo criativo de Augusto de Campos na transcrição dos seus poemas impressos para a versão computadorizada.

Ao refletir sobre a relação entre ambas as formas de poesias, percebemos que as Propostas para a Poesia Concreta, que sempre cogitou utilizar seus elementos poéticos,

como: a cor, o movimento, o som e a imagem em simultaneidade, se realizam concretamente na Poesia Computadorizada.

O poeta Augusto de Campos ao fazer a transcrição do seu poema bidimensional para o poema tridimensional, utiliza-se dos elementos poéticos pertinentes à Poesia Concreta, e cria um novo universo poético – o universo virtual - composto pelos seus videocliques e clip-poemas: Interpoemas, Animogramas e Morfogamas, e o que mais ele vier a inventar...

Portanto, diante desse universo poético digital, que se abre a nossa frente invadindo o nosso olhar de leitor experimental da poesia de Augusto de Campos, ousamos dizer, que a Poesia Computadorizada desse poeta cria uma nova linguagem poética na contemporaneidade, que corresponde não só aos seus desafios e experimentações, mas também, as necessidades do homem contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, Lúcio. De não em não, o “eco no escuro”. In: SÜSSEKIND, F. GIMARÃES, J. C. (org). **sobre augusto de campos**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2004, p. 36-49).

ARAÚJO, Ricardo. **Poesia Visual – Vídeo Poesia**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

CAMPOS, Augusto de. **NÃO POEMAS**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **Viva vaia poesia 1949 – 1979**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Despoesia**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

CAMPOS, Augusto de, CAMPOS, Cid. **NÃO – Clip – poemas (1997 – 2003)**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CAMPOS, Haroldo de. (org). **Ideograma – Lógica, Poesia, Linguagem**. São Paulo, Edusp, 1994.

MELO E CASTRO, E. M. de. **O fim visual do século XX: e outros textos críticos**.

GOTLIB, N. B. (org). São Paulo: Edusp, 1993.

Artigo de jornal:

PERPETUO, Irineu Franco. “Não” de Augusto de Campos é premiado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 fev, 2004. Folha Ilustrada, p. 6.

Dissertação:

PEREIRA, Cristina Monteiro de Castro. **O tempo enquadrado de Augusto de Campos – um lance caleidoscópico de dados**. 2003. Dissertação de Mestrado. UERJ, Rio de Janeiro: 2003.

SOUZA, Gilda Sabas de. **Antilira de Augusto de Campos: leituras de invenções poéticas**. 2006. Dissertação de Mestrado – Programas de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CD-ROMS:

_____. **CD – VIVA VAIA (1949-1979)**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CAMPOS, Augusto de, PIGNATARI, Décio, CAMPOS, Haroldo de. **Teoria da poesia concreta**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Publicação On-line – INTERNET:

PRIOSTE, José Carlos. Além do limite do verso. Disponível em: <http://www.2.uol.augustodecampos.com.br>. Acesso em novembro de 2005.

CAMPOS, Augusto. Site oficial do poeta. <http://www.uol.augustodecampos.com.br>